

Em um mundo saturado de imagens, pensar criticamente como são produzidas é uma prioridade. Neste número 13 da Poiésis, nossa editora convidada, Marisa Flório Cesar, presenteou-nos com o dossiê Ambivalência da imagem, problematizando os contratos que a imagem mantém com as palavras e o pensamento. Na distância entre o desejo de ver e a capacidade de velar o visível, a potência da imagem institui-se como um déficit. Assim, na invisibilidade insinuada no excesso de toda visibilidade, o olhar é impelido a se construir pela palavra, tal o paradoxo que a imagem estabelece quando nos dá a ver o invisível. Segundo a autora, “[O] comércio dos olhares não é uma experiência mística, uma aventura teológica, mas uma negociação entre o visível e o invisível, entre a distância e a proximidade. É, sobretudo, uma economia”. No entanto, acredita que, no lugar de vivermos na era da inflação da imagem, ela nunca esteve tão ameaçada de desaparecer sob a coerção do império das visibilidades. Ao que era uma economia de livre comércio, impôs-se o mercado. Diante do espetáculo que este império promove, “a violência do visível não é a das imagens violentas, mas a violência exercida contra o pensamento e a palavra”. A respeito desse cenário, em que tudo vem a ser mercadoria, a autora pergunta se mesmo a arte, que habitualmente produz um nicho de resistência, não estaria se rendendo ao império das visibilidades. E a partir dessas questões, os ensaios de Stéphane Huchet, Marcus Vinicius de Paula e Alexandre Sá se desenvolvem. Huchet, em Instalação e «iconicidade» ampliada segundo Ilya Kabakov, sustenta que o artista russo opera uma passagem, via iconicidade, da pintura para a instalação, e de forma tal que a instalação, ao superar a pintura, conserva desta certos recursos simbólicos arraigados na tradição russa. Paula, com A sombra da iluminura, traça um paralelo original entre a relação verbo/visual das iluminuras medievais com a dos jornais do século XX, tentando superar a contradição entre texto e imagem. No ensaio Outras ilhas, debruçando-se sobre os contos A ilha desconhecida, de José Saramago, e A terceira margem do rio, de Guimarães Rosa, Sá aborda a interdependência da palavra com a imagem, buscando um ajustamento entre as questões plásticas e as poéticas.

Um aprimoramento da Poiésis foi feito na seção *Conexão internacional* que, pela primeira vez, terá edição bilíngue, permitindo que o autor estrangeiro, além de ver seu texto publicado

simultaneamente na língua original e no português, tenha acesso ao ensaio de seu interlocutor brasileiro. Para este número, convidamos a dupla de artistas, socioestetas franco-canadenses, Doyon/Demers, que apresenta Manobras: viúvas de caça. Neste ensaio, ao relatar uma “manobra” realizada na cidade de Saint-Raymond, no Québec, aproveitam para elucidar diversos conceitos operatórios implicados em sua prática artística. Ao dividir a seção com os nossos convidados, Luiz Sérgio de Oliveira, com Heroísmo forjado no apagamento das polifonias, lança um olhar crítico sobre o projeto Murphy Canyon Choir / Coro de Murphy Canyon, da artista canadense Althea Thauberger, realizado para o inSite_05, em San Diego, Califórnia.

Outras novidades foram acrescentadas. A partir desse número teremos a Página do artista, seção destinada a trabalhos gráficos, e o DVD do artista, suporte multimídia que permitirá acolhermos uma gama maior de propostas artísticas que utilizam as mais diversas mídias, como música, performance, dança, teatro, o vídeo, cinema. Para ela, convidamos Rosana Ricalde e Felipe Barbosa, que apresentam, respectivamente, Mil pássaros e Conjunto habitacional unifamiliar. É de Felipe Barbosa o vídeo Igloo, cedido gentilmente para reprodução em DVD. Criamos também O corpo do poema, página avulsa que sempre trará poema que nos interessem em muitos sentidos, para além do que nossas Literaturas institucionalizadas costumam sugerir. Neste número teremos um poema de Ana Cristina César, poeta carioca instigante e fundamental, cuja escrita permanece sensibilizando inúmeros escritores, leitores, artistas.

Na seção Artigos, permanecemos apostando na diversidade como estratégia de reflexão, publicando trabalhos que suscitam questões que podem ou querem visitar outros temas e áreas. Sérgio Pereira Andrade, com Por uma Dança Frouxa: um pensar-fazer desconstrucionista em dança, reflete sobre a dança a partir do fenômeno do “afrouxamento”, contribuindo com o pensamento pós-colonial na Dança. Com Espaço de relação, Ricardo Corona, por meio de conceitos como espaço, lugar, não-lugar e multiplicidade, trata das relações entre linguagens na performance. Ricardo Barberena, em Quando os operários mortos visitam Brasília, analisa a exposição Imemorial, da artista Rosangela Rennó. Em Justo uma imagem, Patricia Franca-Huchet, tendo em vista a dimensão social da produção de imagens, propõe visão crítica desta na arte contemporânea. Com Céus de tintas e palavras, Mônica Genelhu Fagundes enfoca a alegoria do céu estrelado na arte de Van Gogh, Mallarmé, Magritte. Martha D’Angelo, com Paradoxos e desafios da arte contemporânea, ao propor revisão das teses de Adorno e Marcuse, discute três tópicos centrais nos quais se fundamentam. Ciane Fernandes, em O perfil de Movimento de Kestenber: categorias de análise e aplicação preliminar em dança,

apresenta pesquisa original sobre o método terapêutico Kestenberg Movement Profile (KMP) em contexto de aplicação preliminar na análise rítmica comparativa de duas obras coreográficas. Em O verbete, o dicionário e o documento: apontamentos para uma leitura da montagem em Georges Bataille, Eduardo Jorge de Oliveira propõe leitura do dicionário crítico publicado nos anos 20 por Bataille na revista Documents. Felipe Scovino faz análise crítica de obras explosivas de Cildo Meireles e Felipe Barbosa em Negócio arriscado: dispositivos para um circuito da ironia na arte contemporânea brasileira. Em Cabra Marcado para Morrer, Joana De Conti Dorea reflete sobre “efeitos do real” no cinema documentário de Eduardo Coutinho.

A seção Traduções traz o ensaio O efeito de real, de Jean-Pierre Oudart, publicado originalmente no Cahier du Cinéma nº 228, França, 1971. Nele, o autor analisa o sistema figurativo da pintura européia, do Renascimento ao século XX, evidenciando como esse sistema não só pôs em prática, mas também aperfeiçoou o dispositivo de inscrição do sujeito (o espectador) na representação.

Contamos ainda com entrevista inédita com o Imaginário Periférico, grupo originado nos laços de amizade entre os artistas Deneir Martins, Jorge Duarte, Julio Sekiguchi, Raimundo Rodriguez, Roberto Tavares e Ronald Duarte. Suas experiências indicam possibilidades de fato inovadoras na arte, colocando questões sobre seus (não) limites.

Finalmente, as resenhas A arte do ator entre os séculos XVI e XVIII – da Commedia Dell’Arte ao paradoxo sobre o comediante, de Rodrigo Rangel; Vik, de Tatiana Xerez; e Movida a imagens, de Laura Erber, completam este número 13.

Somos gratos a Marisa Flórido César, nossa editora convidada, e aos autores Stéphane Huchet, Marcus Vinicius de Paula, Alexandre Sá, que graciosamente colaboraram com esta seção; a Hélène Doyon e Jean-Pierre Demers, que autorizaram a tradução e a publicação de seu ensaio; a Rosana Ricalde e Felipe Barbosa, que emprestaram suas artes; a Armando Freitas Filho, por ceder convite original do lançamento de A teus pés, de Ana Cristina César; e aos artistas do Imaginário Periférico, que concederam a entrevista. Agradecemos também aos demais colaboradores, que, com entusiasmo, participam desse número. A partir deste ano, a Poiésis passa a ser uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte.

Luciano Vinhosa & Lígia Dabul
Editores